



Hospital Colônia Itapuã: Um Patrimônio em Exposição¹

Helena Thomassim Medeiros²

Resumo: Este artigo tem o intuito de abordar 06 (seis) exposições realizadas na Região Metropolitana de Porto Alegre – RS que exploraram a trajetória do Hospital Colônia Itapuã (HCI) abordando a temática de suas narrativas. Analisa-se a importância do espaço museal, caracterizado pela estrutura das exposições, enquanto fonte de informação e possível desencadeador de interesse acerca de um tema, podendo mobilizar a valorização e legitimação da necessidade de preservação da história de um local. Considera-se que um patrimônio como o do HCI pode ser representado em uma exposição tanto em uma perspectiva material, levando em conta a parte física e arquitetônica da instituição, quanto imaterial, caracterizada pelas memórias e histórias de vida que ali se desenvolveram. Sendo assim, busca-se neste trabalho compreender como estas iniciativas foram e são elaboradas.

Palavras-Chave: Hospital Colônia Itapuã; Exposições; Patrimônio.

“Itapuã” Colony Hospital: a cultural heritage in exhibition

Abstract: This article is intended to address 06 (six) exhibitions held in the metropolitan region of Porto Alegre – RS that explored the Itapuã Colony Hospital (HCI) trajectory, about the theme of their narratives. The importance of the museological space, characterized by the framework of the exhibitions, as a source of information and possible trigger of interest about a theme, and can mobilize the recovery and the need to preserve the legitimacy history of a place. A heritage of HCI can be represented in an exhibition both in a material perspective, taking into account the physical and architectural part of the institution, as immaterial, characterized by the memories and stories of life there developed. Therefore, in this work to understand how these initiatives have been and are drawn up.

Keywords: Itapuã Colony Hospital; Exhibitions; Heritage.

Introdução

O Hospital Colônia Itapuã (HCI), situado em Viamão, Rio Grande do Sul, faz parte de uma política de saúde pública em vigor no período do Estado Novo (1937-1945) que levou à construção de aproximadamente 30 (trinta) leprosários no Brasil. Esta instituição chegou a abrigar 2.474 (dois mil quatrocentos e setenta e quatro) pacientes com hanseníase.

Os hospitais-colônia eram construídos como uma pequena cidade, com casas para os casais e pavilhões que separavam os moradores por gênero e idade, fábricas para os produtos de subsistência, igrejas, praças, escolas e pavilhões de diversões. O internamento era compulsório, ou seja, qualquer pessoa que

¹ O conteúdo deste artigo é um recorte temático de trabalho de conclusão de curso em Museologia (2015), referente a um mapeamento sobre as exposições que abordaram o HCI, a partir de narrativas a seu respeito.

² Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel). Bacharel em Museologia (UFRGS). Atuando principalmente nos seguintes temas: Hospital Colônia Itapuã, Memorial do Hospital Colônia Itapuã, patrimônio, preservação e memória.

fosse diagnosticada com hanseníase era levada para o leprosário. Alguns chegavam ainda crianças ao local e os filhos dos moradores que nasciam dentro da instituição eram retirados de seus pais e levados ao Amparo Santa Cruz. Para muitos, o HCI foi a morada final e foram sepultados no cemitério do local.

Com a descoberta de tratamento eficaz para a hanseníase, no começo da década de 1940, passou a ocorrer um esvaziamento da instituição nas décadas seguintes e em consequência disso, no ano de 1972, são transferidos para o HCI, pacientes do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP). Atualmente, a instituição adquiriu um aspecto asilar, abrigando alguns moradores remanescentes do período em que era um leprosário e recebendo, ainda, gradualmente pacientes do HPSP.

A fim de que estas memórias e trajetórias de vida não fossem apagadas ou esquecidas, foram realizadas algumas exposições que abordam o HCI, a partir de suas narrativas. Porém, vale lembrar que todo este processo de estudo, coleta de acervo, desenvolvimento de material bibliográfico e a montagem expográfica resultante destes processos, tem legitimação pela existência desta instituição e a continuidade do trabalho que ela até hoje executa, junto aos seus pacientes. Estas exposições são um reflexo da importância e da diversidade de histórias e temas que podem ser evocados a partir do Hospital Colônia.

Sendo assim, este artigo objetiva apresentar tais iniciativas a fim de discutir o potencial deste Hospital enquanto fonte de informação histórica e social. Para esta pesquisa foram localizadas 06 (seis) exposições que se encaixam na temática, sendo elas: *HCI: 60 Anos De História* (2000), exposição itinerante inaugurada no HCI; *A História da Saúde Pública no Rio Grande do Sul sob a Ótica dos Hospitais Estaduais* (2007) realizada com *banners* e que tratava sobre a história dos hospitais estaduais, incluindo o leprosário; *Da Lepra À Hanseníase* (2012), realizada no Museu da História da Medicina (MUHM); a exposição de longa duração do Memorial do Hospital Colônia Itapuã (2014), nas dependências do HCI; *V Mostra Museológica de História da Medicina* (2015), da qual o HCI participou; recentemente ocorreu a exposição *Caminhos da Saúde Pública no RS* (2017), na qual o HCI também foi mencionado.³

Os entrevistados foram escolhidos visando recolher informações sobre a construção de todas as exposições que utilizaram em sua narrativa o HCI, a saber: Rita Sosnoski Camello é enfermeira do HCI, possuindo amplo conhecimento em hanseníase, foi uma das idealizadoras do Memorial HCI; Marco Antônio Lucaora, funcionário estadual, foi o idealizador e patrocinador do Memorial HCI; Dennis Guedes Magalhães e Lia Conceição Mineiro de Souza Magalhães, funcionários estaduais formados em Relações Públicas, responsáveis pela assessoria dos hospitais estaduais, entre eles o antigo leprosário; Éverton Reis Quevedo, diretor técnico do MUHM foi selecionado por ter participado do processo de construção das 02 (duas) primeiras exposições que abordaram o Hospital.

“Nós não caminhamos sós”

A frase enigmática que ganha notoriedade ao adentrarmos na área suja⁴ do HCI, “Nós não cami-

³ Mais informações em: MEDEIROS, Helena Thomassim. **Da Exclusão à Exposição:** Narrativas Expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã – RS. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências da Informação, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015. 127 p. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/134702>>. Acesso em: 29 de set. 2017.

⁴ Área suja e área limpa são termos usados informalmente para diferenciar o ambiente usado pelos pacientes hansenianos (área suja), dos locais em que os funcionários que trabalhavam no Hospital moravam (área limpa).

nhamos nós” (Figura 1, Pórtico de Entrada), pode ser analisada de diversas formas quando refletimos sobre todo o sentimento de perda e de rejeição que as pessoas levadas ao local devem ter experimentado. Sendo assim, as exposições que foram criadas e que narram esta história podem ser vistas como uma espécie de tentativa de reparação dos danos que esta política de isolamento lhes acarretou.

Figura 1. Pórtico de Entrada



Fonte: MEDEIROS, 2015.

Preservar e ver o HCI como um patrimônio é fundamental, pois: “As antigas colônias precisam ser desestigmatizadas, mas não pela destruição e pelo conseqüente esquecimento, e sim pela compreensão dos processos dos quais são resultado” (BORGES; SERRES, 2014, p. 129). Para que esta compreensão seja possível e esta memória não seja apagada, foram realizadas exposições, visando difundir e comunicar as experiências vividas no Hospital. Portanto, a missão dessas exposições também é a de desmistificar o imaginário carregado de preconceitos concebido sobre esse local e sobre a hanseníase, ao mesmo tempo em que visa dar voz a aqueles que o vivenciaram, considerando que várias das exposições usaram como fonte informacional as falas dos moradores da instituição. Deste modo:

O patrimônio histórico não significa tão somente o que passou, porque está integrado ao presente, e a própria memória, quando elaborada, experimentada e vivenciada, está integrada ao presente. A função do patrimônio histórico é a de ser instrumento de contato, difusão e relação com a memória ao mesmo tempo em que também se torna memória do tempo (SANTANA, 2011, p. 29).

A função de um museu é a de ser espaço destinado à informação, à comunicação, e esta é feita junto à preservação. Estas ações legitimam a importância e embasam a escolha dos objetos ou das narrativas que são apresentadas. Um museu não é somente um espaço para coisas antigas que remetam ao passado, mas sim, um ambiente propício à reflexão e à educação, podendo ser interativo, acolhedor, destinando-se, também, ao entretenimento e à troca de conhecimento entre visitante e instituição. Portanto, é necessário:

Estabelecer nos museus fóruns de discussões, fomentar a interação entre grupos que possam ter

pontos de contato e de diálogo e criar laços de afinidade e de apropriação em relação ao museu. Na atualidade, não se pode fazer um museu somente centrado nos objetos, já que seus significados são atribuídos pelas pessoas, individualmente. Do ponto de vista comunicacional é preciso encenar o desafio de aprender a lidar com essa teia de sentidos e significados, uma vez que os museus se colocam como cenário para a relação entre o Homem e o Objeto (SANTANA, 2011, p. 35).

Nos museus, muitas vezes, há uma carga de seriedade e de comprometimento com a relação homem/objeto deixando escapar a relação homem/contexto – e por contexto me refiro ao tempo e espaço no qual estamos inseridos e que nos afeta cotidianamente – falta a troca com o entorno, com a comunidade, na busca por saber o que lhes aflige, comove e como fazer o museu transparecer e transbordar o ser humano, sua vida, sua história, suas dores e alegrias. Seguindo esta lógica, a função dos museus e de suas exposições pode ser exemplificada no seguinte texto:

[...] Mnemósyne, mãe das Musas – e dos museus – era capaz de abraçar com seu olhar o passado, o presente e o futuro. Existe também uma globalidade do tempo: se o objeto do museu nos conta uma história (o que por outro lado não é mais do que sua função primária), ao mesmo tempo nos formula perguntas (e aí reside a sua força), em razão da dupla instantaneidade da sua presença e da nossa (BELLAIGUE, 2009, p. 88).

Estas seriam as funções dos museus, contar histórias e formular perguntas, fazer o homem se questionar sobre seu passado ao mesmo tempo em que possa refletir quanto a seu presente e em como este afetará seu futuro. Estas, apesar de serem museais, não necessariamente se desenvolvem entre as “paredes” de um museu.

O principal meio de comunicação de um museu são as exposições que ele promove, contudo, quando falamos do HCI, não podemos dizer que todas as exposições ocorreram em museus, pelo contrário, apenas uma delas foi realizada nesse tipo de instituição, mas isto não retira seu caráter museológico. Porém, devemos levar em consideração que:

Quando se pretende escrever um texto para uma exposição tem que ter em conta os seguintes aspectos: o tema a que a exposição está subordinada e a instituição que a acolhe. Ter-se-á, pois, que tomar, em primeiro lugar, uma decisão sobre qual é o posicionamento conceptual de prática museológica que melhor se adequa ao desenvolvimento do tema da exposição, no contexto do posicionamento conceptual da instituição que a acolhe (CORTEZ, 2010, p. 03).

Portanto, a tendência é de que mesmo se as exposições possuíssem o mesmo tema, elas ganhariam formas e olhares distintos de acordo com o ambiente e recorte proporcionados. Considerando que o homem é “[...] um projeto inacabado, em constante evolução [...]” (GUARNIERI, [1983], 2010, p. 128), a relação entre homem e objeto se dá pelo intermédio do museu que é “[...] a condição na qual o fato museal se realiza e é percebido.” (GUARNIERI, [1983], 2010, p. 128). Apesar do espaço do Hospital demarcar um território e uma realidade temporal, a qual ele pertence, é apenas por meio da sua relação com o homem que ele ganha significado e esta relação é reforçada e legitimada por meio do ambiente museológico que se empenha em expor e salvaguardar esta história.

No caso do Hospital ele é um objeto, ao mesmo tempo patrimônio e lugar de memória, portanto, o fato de uma exposição ser, ou não, realizada no local, modifica o olhar sob aquela, já que sua dinâmica muda, assim como a experiência dos que a presenciam.

HCI em exposição

A exposição “HCI: 60 Anos de História” foi a primeira exposição, da qual eu possuo conhecimento, que foi realizada utilizando como tema o Hospital. Ela foi montada no ano 2000, com o objetivo de comemorar o aniversário de 60 (sessenta) anos da inauguração do HCI. Em princípio, ela ocorreu nas dependências da instituição, sendo formulada apenas com *banners*, no formato de exposição itinerante. Lia Conceição Mineiro de Souza Magalhães, funcionária do Estado, que auxiliou neste período, narra que:

Leprosário era um local de afastamento, que ninguém podia chegar perto, e isso ficou. Então, por mais que a gente, até os 60 anos fizesse um trabalho e falasse do Hospital Colônia Itapuã, ainda não se tinha feito nenhum trabalho de homenagear essa instituição. Homenagem pelo trabalho que ainda era feito, porque os hospitais do Estado, incluindo o Colônia, nenhum teve interrupção dos trabalhos desde a sua fundação. O Hospital Colônia existe, ainda trata os ex-hansenianos que ainda estão lá [...] (MAGALHÃES, 2015b, inf. verb.).

Segundo Quevedo (2005), a exposição “HCI: 60 Anos de História” se constitui a partir do trabalho desenvolvido pelo Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOPE), que funcionava nas dependências do HCI e teve a participação de voluntários do curso de graduação em História da Universidade de Santa Maria. Segundo Serres (2013), este Centro funcionou desde 1999 e buscou recolher, organizar, preservar, pesquisar e disseminar as informações produzidas pelo Hospital, utilizando como base seu acervo bidimensional (documentos institucionais, fotografias, material bibliográfico, etc.) e tridimensional (objetos). Ele iniciou “[...] vinculado ao Ceids (Centro Estadual de Informação e Documentação em Saúde do Rio Grande do Sul), o Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital Colônia Itapuã (Portaria 20/99, 22 de novembro de 1999)” (SERRES, 2013, p. 05).

Esse projeto também visava o contato com os moradores do Hospital, a fim de recolher informações por meio da metodologia da História Oral. Contudo, a mostra constante ocorreu de 1999 a 2001 e, após isto, passou por diversos períodos de fechamento. O MUHM, no ano de 2005, teve interesse em fazer uma parceria para a revitalização do CEDOPE. Em 2007, outro projeto, promovido pela Universidade de Oxford, o Projeto Global sobre a História da Hanseníase, também tentou reativá-lo.

Quanto ao trabalho desenvolvido pelo CEDOPE, para a coleta de acervo e montagem dessa exposição, Éverton Reis Quevedo, na época um dos voluntários do projeto, comenta que:

Naquela época o Hospital tinha um pouco mais de pacientes, hoje tem muito pouquinhos, [...] naquela época ele tinha ainda uns oitenta, faziam aquelas reuniões, botavam todos no Auditório, conversava com todo mundo, então todo mundo ficava sabendo, nos apresentaram para todo mundo: “esses são os pesquisadores que vão conversar com vocês”. Então as pessoas nos recebiam bem, porque elas estavam sabendo que estaríamos ali para isso (QUEVEDO, 2015, inf. verb.).

A primeira entrevista que realizei referente a esta exposição foi no dia 01 de setembro de 2015, com Dennis Guedes Magalhães e com a Lia Conceição Mineiro de Souza Magalhães. Seu envolvimento com a exposição “HCI – 60 Anos de História” deu-se por meio de sua formação profissional, participando da divulgação e contribuindo para a identidade visual.

Segundo os entrevistados, a exposição “HCI – 60 Anos de História” ocorreu em função do aniversário da instituição e foi concomitante à 3ª Conferência Estadual de Saúde. Foi desenvolvida para ser itinerante, pois era constituída de *banners* com estrutura de metal, madeira e vidro, que narravam a trajetória do Hospital (Figura 2).

Figura 2. Painel da Exposição “HCI – 60 Anos de História”

Fonte: SERRES, 2013, p. 10.

O intuito de fazer esta exposição, segundo Lia Conceição Mineiro de Souza Magalhães, foi porque:

O Colônia naquela época [...] o que a gente pensou foi o seguinte: o Hospital Colônia tinha que aparecer de alguma forma. Porque a lembrança que a gente tinha, que todos tinham, que a população tinha do Colônia era do Leprosário, mas ninguém conhecia, ou poucas pessoas conheciam a história. Fica um mito, uma coisa, saber que era triste, saber que era uma história horrível porque as pessoas tinham medo de ir para lá. [...] Nós tínhamos que mostrar toda aquela história, que eram pessoas que viviam uma sociedade que pela política de saúde que foi implantada na época, aquela, naquele momento foi a solução dada pela saúde pública. (MAGALHÃES, 2015b).

No dia 05 de outubro de 2015 conversei com Éverton Reis Quevedo, ele participou da pesquisa e montagem desta exposição que ocorreu em 2000, em sua entrevista ele relata que:

O norte todo da atividade era trabalhar com o que já estava lá, com aquela documentação toda que estava lá, e, é claro, a partir dessas entrevistas, dessas conversas, buscar mais materiais [...] as fotografias a gente foi buscar com as pessoas, nesse processo de interação com elas, elas gostavam da ideia e nos recebiam muito bem e doavam esse material. [...] Infelizmente, nas outras gestões do Estado o CEDOPE foi deixado de lado e muitas dessas pessoas foram lá e buscaram suas fotos de volta. [...] estava fechado, desarticulado, ninguém sabia mais o que fazer [...]. (QUEVEDO, 2015).

A partir do material desenvolvido para essa exposição, foi realizada outra em 2007, também itinerante, intitulada “A História da Saúde Pública no Rio Grande do Sul sob a Ótica dos Hospitais Estaduais”. Lia Magalhães comenta que “A história passou a ser nosso carro chefe, eu acho, dentro dos Hospitais, porque é inegável a importância dessas instituições dentro da saúde pública” (MAGALHÃES, 2015b). Essa mostra foi apresentada através de *banners* narrando a história dos hospitais estaduais, entre os quais

estava o HCI. Eram feitos textos sobre cada instituição, trazendo sua origem e o trabalho que desenvolve atualmente. Eu não possuía conhecimento sobre essa iniciativa até o dia em que realizei a entrevista com Dennis e Lia Magalhães, tendo levantado uma série de informações.

No ano de 2012 foi organizada uma nova exposição que abordou o HCI a partir de narrativa exo-gráfica, com iniciativa do MUHM, intitulada “Da Lepra à Hanseníase”.

Figura 3. Banner de Divulgação



Fonte: BLOG HOSPITAIS ESTADUAIS, 2012.

De acordo com entrevista realizada no dia 05 de outubro de 2015 com o diretor técnico do MUHM, Éverton Reis Quevedo, a iniciativa para esta exposição surgiu com o intuito de utilizar o conhecimento que eles já possuíam sobre o HCI – considerando que sua dissertação de Mestrado foi sobre este assunto e que ele participou da exposição “HCI – 60 Anos de História” – e de uma parceria realizada com o gabinete da então Primeira-Dama do Estado, Sandra Genro. Quevedo explicou o porquê de trabalhar a trajetória desta instituição:

Primeiro para aproveitar uma produção historiográfica nossa, da casa, afinal de contas eu trabalhei com o Hospital. [...] eu tenho um conhecimento [...] bom sobre o tema. A gente tem o contato da Secretaria de Saúde, como Hospital Colônia Itapuã [...] a gente conseguia o acesso, enfim, conseguia, de repente ver com o pessoal, fazer um comodato, trazer alguns materiais para a gente expor. [...] A gente sabia que a primeira-dama, Sandra Genro, primeira-dama da época, tinha um projeto bem interessante lá, no Hospital Colônia Itapuã. Então, a gente também, em parceria com o gabinete da primeira-dama [...] junto com a exposição que contava a questão histórica, a gente fez uma exposição fotográfica também. A gente expôs fotos dela, da primeira-dama, que é médica [...] que tem um trabalho nessa área, a gente acabou fazendo uma parceria, nós e o gabinete da primeira-dama (QUEVEDO, 2015).

Figura 4: Exposição “Da Lepra à Hanseníase”

Fonte: BLOG HOSPITAIS ESTADUAIS, 2012.

Na montagem desta exposição trabalharam 04 (quatro) funcionários do MUHM, sendo 02 (dois) historiadores, 01 (um) arquivista e 01 (um) técnico em Biblioteconomia, além de 06 (seis) estagiários: 05 (cinco) de História e 01 (um) técnico em Biblioteconomia. Para a pesquisa utilizou-se bibliografia especializada, dissertações sobre o tema e visitas técnicas ao Hospital. Enquanto acervo, houve peças cedidas por comodato e uso de objetos do acervo da própria instituição; a seleção deste foi feita de modo a representar elementos identificados durante a pesquisa. Éverton Reis Quevedo relata que:

A gente sempre tentou trabalhar, buscou trabalhar com a questão social envolvendo aqueles pacientes, desmitificando a doença. Quando a gente fala muitas vezes em hanseníase as pessoas não sabem muito bem o que é, ficam meio assim, mas quando a gente fala em lepra, aí traz toda uma carga, toda uma negatividade [...] as pessoas vão buscar nas suas memórias as coisas bíblicas, coisas de um filme que mostrava que expulsava, que era sujo, pecador. A gente tentou com as exposições sempre mostrar que é uma doença como outra qualquer, que é uma doença que tem tratamento e que as pessoas precisam, como todo doente, de dignidade, enfim, tentar desmitificar isso (QUEVEDO, 2015).

Segundo Quevedo (2015) esta exposição cumpriu um papel social no que tange à conscientização da população sobre a hanseníase, recebendo escolas e trazendo informações aos visitantes. Os pacientes do HCI visitaram o Museu para conhecer a exposição e agradeceram cantando para os funcionários. Na entrevista ele disse que:

O objetivo, mais uma vez, foi trazer essa trajetória dessas pessoas e aí, como a gente recebe aqui muitas escolas fazer todo um trabalho de conscientização em relação à doença [...] de que as pessoas saiam daqui entendendo que essas doenças, essas mazelas da sociedade e que a gente tem que trabalhar com ela de uma forma muito tranquila, elas podem nos acometer ou não [...] (QUEVEDO, 2015).

Em 27 de novembro de 2014⁵ foi inaugurado o Memorial HCI e eu tomei conhecimento sobre este, por meio de minhas pesquisas. O Memorial está localizado dentro do Hospital, na casa onde originalmente moravam as freiras responsáveis pela instituição; esta é uma casa grande com dois andares e um sótão. Ela foi reformada e hoje abriga a exposição.

⁵ Mais informações em: ZH Notícias. Hospital Colônia de Itapuã inaugura no dia 27 memorial sobre a hanseníase. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/11/hospital-colonia-de-itapua-inaugura-no-dia-27-memorial-sobre-a-hanseníase-4641960.html>>. Acesso em 24 de jun. de 2015.

Figura 5: Casa das Freiras

Fonte: MEDEIROS, 2015.

Ao conversar com Dennis descobri que este foi um empreendimento realizado em um espaço público — as dependências do HCI —, porém patrocinado por investimento privado. O trabalho realizado na exposição (mediação, expografia, conservação, etc.) é desempenhado de forma voluntária por funcionários do Estado que estão comprometidos em manter este lugar. Por este motivo, há dificuldade no agendamento de visitas, que depende da disponibilidade de horário desses trabalhadores. Essa informação é muito importante, pois demonstra que o Memorial só foi possível em virtude da boa vontade e interesse em preservar a instituição.

Marco Antônio Lucaora foi um dos idealizadores e patrocinador do empreendimento. Em seu relato, ele revela que a exposição e a coleta de acervo foram realizadas de forma comunitária, pois, a grande maioria das peças é adquirida por doações dos moradores que ao saber da criação do Memorial se sensibilizaram e entregaram objetos que eram guardados em suas casas.

No dia 27 de agosto de 2015 realizei uma entrevista com dois idealizadores do Memorial – Rita S. Camello e Marco Antônio Lucaora – na qual me foi relatada a concepção, o planejamento e o desenvolvimento da mostra. É interessante perceber que, em um primeiro momento, o Memorial não existiria, pois a preocupação que levou Marco Antônio Lucaora a começar este trabalho, foi o temor de que a documentação organizada na época do CEDOPE fosse aos poucos se perdendo, pela falta de cuidados. Porém, como ele mesmo disse em entrevista:

[...] a coisa foi tomando forma, forma, forma, as coisas foram acontecendo, não foi um caminho. Aí me apresentaram a Rita, “tu tem que conhecer a Rita, tu tem que conhecer, a Rita sabe tudo, a Rita é “bam-bam-bam” sobre hanseníase, ela já viajou pelo planeta” [...] Ela conseguiu me passar várias coisas e questionamentos [...] (LUCAORA, 2015).

A partir desta parceria nasceu o Memorial, segundo ele “A ideia do Memorial é preservar a memória da Colônia de Itapuã” (LUCAORA, 2015) e para este fim, uma série de objetos, textos e informações foram recuperados e organizados. Devido à grande quantidade de espaços expositivos – considerando como estes: salas, corredores e escadas – refleti sobre como organizar minha análise de acordo com núcleos temáticos para facilitá-la, porém temas similares se encontram em espaços geograficamente distantes no

Memorial. Portanto, optei por contextualizar a exposição e somente após tê-lo feito, debruçar-me sobre questões específicas dos aspectos expositivos.

No que tange à elaboração deste espaço, foi-me dito na entrevista anteriormente citada que: “Nós nos reunimos com o grupo daqui, onde tinha um historiador e uma pessoa da comunicação social, para nós definirmos a primeira sala que seria os caminhos da lepra, o restante foi surgindo de forma lógica, tinha que ter uma lógica” (CAMELLO, 2015). Desse modo, compreendemos que houve sim, uma troca de saberes e de perspectivas entre os profissionais envolvidos para a construção no Memorial. A enfermeira Rita S. Camello e Marco Antônio Lucaora, além de idealizadores, foram os responsáveis pela coleta de acervo, contato com os pacientes e organizadores do espaço e todos os elementos expográficos que a ele se agrupam. Quanto ao trabalho de representar em uma exposição, a trajetória do Hospital e de seus pacientes, Rita comenta que:

Nós estivemos na casa dos pacientes, e uma coisa de bom que nós já tínhamos: eu trabalho no Hospital há nove anos, trabalho as lesões dos pacientes e, em média, para cada curativo eu levo uma hora. [...] Então eu já sabia de todas essas histórias de vida [...] (CAMELLO, 2015).

Sendo assim, a exposição montada pelo Memorial tem um processo diferente das demais, quando observamos que alguns dos envolvidos não vieram de fora do Hospital, mas estavam lá e faziam parte do cotidiano dos moradores. Dessa forma, observamos, a partir das entrevistas realizadas, que essa exposição é feita também pelos pacientes, por suas demandas e pelos objetos que eles julgaram representativos de sua história.

No dia 29 de setembro de 2015, foi inaugurada a “V Mostra Museológica de História da Medicina”, organizada pela Rede Sul-Rio-Grandense de Memória da Saúde, no Centro Histórico-Cultural da Santa Casa. Nela, foi exposto elementos sobre o trabalho desenvolvido pelas instituições que abordam a temática da história da medicina, entre elas estava o Memorial HCI. A exposição “Caminhos da Saúde Pública no RS” ocorreu em 2017, construída por *banners* que relavam a história dos hospitais estaduais do Rio Grande do Sul. Através destes trabalhos percebo que há continuidade de um trabalho que visa trazer novo olhar sobre estas instituições de saúde, apresentando-as, não apenas por sua função original, mas buscando explorar seu potencial enquanto bens históricos, ligados ao patrimônio e as memórias de uma população.

Considerações finais

Com a diminuição do número de portadores de hanseníase, o espaço passou a ser ocupado por pacientes enviados ao HCI pelo Hospital Psiquiátrico São Pedro. Sendo assim, a instituição seguiu os cuidados com seus novos moradores e com os remanescentes, em uma trajetória que engloba mais de 40 (quarenta) anos. Os últimos pacientes do HCI estão falecendo e com eles se vão histórias de vida que estão relacionadas à história da saúde e de políticas públicas para tal. Outra questão a considerar, é a de que exemplares ímpares de arquitetura com a função de abrigar pacientes com doenças que estigmatizaram/estigmatizam seus portadores estão prestes a desaparecer, o que vem a ameaçar um importante conjunto de patrimônio cultural. Cabem esforços para estudar o caso do leprosário, que se constitui como ímpar na história da medicina e da saúde no Rio Grande do Sul, como um exemplo de organização social voltada

para atender aqueles que eram excluídos, por serem considerados perigosos desde as mais remotas eras, por serem portadores de lepra.

A partir do intuito de preservar este patrimônio surgiram exposições que narraram sua trajetória e buscaram a conscientização da sociedade sobre a doença. Esta pesquisa mapeou 06 (seis) exposições que abordavam o HCI, demonstrando que há uma diversidade considerável de narrativas e histórias que se cruzam em torno de um mesmo patrimônio. A primeira, “HCI – 60 Anos de História” de 2000, foi construída com um intuito comemorativo, buscando voluntários externos à instituição para realizar este trabalho através da coleta e documentação das histórias de vida dos pacientes, identificação e coleta de fotografias, além da análise de documentos institucionais. Em um primeiro momento, esta exposição seria apenas de material textual, sem objetos.

A segunda exposição “Da Lepra à Hanseníase” de 2012, aborda o tema pelo viés da doença e do papel da instituição, enquanto medida de prevenção da lepra, considerando que também apresenta a característica intimista nas fotos que fizeram parte desta montagem. O acervo utilizado para a narrativa foi coletado de acordo com o que a instituição buscava representar, com planejamento resultando indiretamente da primeira exposição.

A terceira exposição, que se encontra ainda no Memorial do HCI, abarca os elementos textuais produzidos na primeira exposição, mas é montada por pessoas que também trabalham no Hospital, sendo caracterizada pela participação expressiva dos moradores da instituição que puderam acompanhar e contribuir durante o processo. O acervo exposto é uma mistura de elementos históricos, cenográficos e pessoais que, juntos, visam representar o Hospital.

Quanto às demais exposições, é interessante perceber que tiveram dimensões menores e sua elaboração supostamente foi mais simples. A primeira, “A História da Saúde Pública no Rio Grande do Sul sob a Ótica dos Hospitais Estaduais” trata-se de uma série de *banners* relatando a trajetória dos hospitais estaduais, entre eles o HCI. Para sua montagem foram utilizados os dados coletados na exposição “HCI – 60 Anos de História”. Na segunda, “V Mostra Museológica de História da Medicina”, foram apresentados os acervos de instituições de memória vinculadas à história da medicina no Estado; entre eles figurava o Memorial do HCI e, sendo assim, o acervo e o conteúdo exposto fazem parte da narrativa estabelecida pelo Memorial. Quanto à terceira, “Caminhos da Saúde Pública no RS”, apesar das poucas informações que obtive, me pareceu semelhante ao trabalho realizado em 2007, provavelmente por se tratar do mesmo grupo envolvido em ambos trabalhos.

Todas estas iniciativas reforçam o papel deste Hospital enquanto patrimônio e lugar de memória, ainda presente no imaginário local, vinculado a uma visão triste e negativa. Considero, inclusive, que as exposições e o próprio Memorial buscam desconstruir esta representação.

Acredito, após ter realizado a análise das exposições, que estas se constituem, para além de uma homenagem aos que estiveram relacionados ao HCI (pacientes e profissionais), para desempenhar papel social educativo, comunicacional e de preservação. Trabalharam com um tema que envolve memórias dolorosas, mas também de conscientização, pois a hanseníase ainda atinge a população brasileira, que sem informações, pode persistir no estigma que esta doença traz para seus portadores, mesmo que a cura

já exista há muitos anos. Expor esta trajetória – representada na figura do Hospital – é informar, lembrar e reconstruir uma história que envolve o preconceito com uma doença milenar, o desenvolvimento da Medicina, políticas públicas de isolamento, segregação e histórias de vida.

Referências

- BELLAIGUE, Mathilde. Memória, espaço e tempo. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio**, Unirio. Rio de Janeiro, v. 2, n.2, jul./dez. 2009, p. 87-90. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/78/98>>. Acesso em: 24 nov. 2012.
- BLOG HOSPITAIS ESTADUAIS: A história viva da saúde pública do Rio Grande do Sul. Aberta exposição fotográfica “Da Lepra à Hanseníase”. 2012. Disponível em:<http://hospitaisestaduais.blogspot.com.br/2012_05_01_archive.html>. Acesso em 12 de out. de 2015.
- BORGES, Viviane Trindade. SERRES, Juliane Conceição Primon. Narrativas sobre o velho leprosário: as entrevistas realizadas com pacientes/moradores do Hospital Colônia Itapuã (Viamão/RS). **Revista História Oral**. v. 17, n.1, 2014, p.119-134.
- CAMELLO, Rita Sosnoski. **Entrevista 01**: 27 de ago. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015.
- CORTEZ, Alcina. Três é o Par Perfeito: O texto senta-se entre o visitante e o objecto. **Boletim Informação ICOM Portugal**. Portugal, n. 10, II Serie, 2010, 05 p. Disponível em: <http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-10_set-nov10.pdf>. Acesso em 22 de set. de 2015.
- GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. L'interdisciplinarité em muséologie. *MuWoP*, n. 2, p. 58 -59, 1981. *Apud*: GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Sistema da Museologia [1983]. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 127-136.
- LUCAORA, Marco Antônio. **Entrevista 01**: 27 de ago. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015.
- MAGALHÃES, Dennis Guedes. **Entrevista 02**: 01 de set. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015a.
- MAGALHÃES, Lia Conceição Mineiro de Souza. **Entrevista 02**: 01 de set. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015b.
- MEDEIROS, Helena Thomassim. **Da Exclusão à Exposição**: Narrativas Expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã – RS. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências da Informação, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015. 127 p. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/134702>>. Acesso em: 29 de set. 2017.
- QUEVEDO, Éverton Reis. **Entrevista 03**: 05 de out. de 2015. Entrevistador: Helena Thomassim Medeiros. Porto Alegre, 2015.
- QUEVEDO, Éverton Reis. **“Isolamento, isolamento e ainda isolamento”**: o Hospital Colônia Itapuã e o Amparo Santa Cruz na profilaxia da lepra no Rio Grande do Sul (1930-1950). Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, área de Concentração: Estudos da História das Sociedades Ibero-Americanas, da PUC-RS, para obtenção do grau de Mestre em História. Porto Alegre, 2005.
- SANTANA, Cristiane Batista. **Para além dos muros**: por uma comunicação dialógica entre museus e entorno. Col. Museu Alberto. Brodowski (S.P): ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011.

SERRES, Juliane Conceição Primon. Uma memória que agoniza: Hospital Colônia Itapuã - RS. In: **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**. ANPUH Brasil. Natal-RN, 2013, 12 p.

Recebido: 14/06/2018.

Aceito: 27/08/2018.